

RESPIRAR NEGRITUDE**BREATHE BLACKNESS****RESPIRA NEGRO** 10.56238/revgeov16n4-004**Oswaldo José da Silva**

Pós-doutor e Doutor em Ciências Sociais

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: kayona@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5926461359177630>Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7682-8491>**Marima Aina Ferreira Silva**

Mestranda na Linha de Pesquisa "Produção do Espaço Urbano"

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCT)

E-mail: mariamaferreira.di@gmail

Rosemary Segurado

Doutorado em Ciências Sociais

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: roseseg@uol.com.br

RESUMO

A restauração dos ecossistemas complexos como objetivo de alargar a compreensão de sustentabilidade do planeta Terra, por meio de novos sistemas de organização social, econômico e político por parte da humanidade, é sobretudo tarefa cultural e educativa por parte dos agentes públicos, de maneira interdisciplinar com as comunidades em todas as regiões do planeta. Este ensaio, é uma contribuição junto ao universo das ciências sociais e humanas que no mundo moderno, possui como propostas edificar novas perspectivas reais e plausíveis que atendam as demandas de inclusão social de todos os habitantes da Terra na forma comum de uma humanidade com destino e futuro compartilhado. Desafios existem e são barreiras reais, principalmente, quando se colocam os interesses privados, acima do bem comum; para superá-los é necessário, que se apontem caminhos alternativos ao modo de produção capitalista. Nesse aspecto, consideramos que as experiências das comunidades negras, os paradigmas das culturas negras, as memórias negras e as lembranças do habitat ancestral negros, podem ser paradigmas para esses novos caminhos. Para tanto, é fundamental respirar os ares da negritude.

Palavras-chave: Antropoceno. Capitalismo. Ciências. Economia Global. História. Multiespécies.

ABSTRACT

The restoration of complex ecosystems with the aim of broadening humanity's understanding of the sustainability of planet Earth through new systems of social, economic and political organization is,

above all, a cultural and educational task for public agents, in an interdisciplinary manner with communities in all regions of the planet. This essay is a contribution to the universe of social and human sciences that, in the modern world, have proposals to build new, real and plausible perspectives that meet the demands for social inclusion of all inhabitants of the Earth in the common form of a humanity with a shared destiny and future. Challenges exist and are real barriers, especially when private interests are placed above the common good; to overcome them, it is necessary to point out alternative paths to the capitalist mode of production. In this regard, we believe that the experiences of black communities, the paradigms of black cultures, black memories and memories of the ancestral habitat of black people can be paradigms for these new paths. To this end, it is necessary to breathe the air of blackness.

Keywords: Anthropocene. Capitalism. Science. Global Economy. History. Multispecies.

RESUMEN

La restauración de ecosistemas complejos, con el objetivo de ampliar la comprensión de la humanidad sobre la sostenibilidad del planeta Tierra a través de nuevos sistemas de organización social, económica y política, es ante todo una tarea cultural y educativa para los funcionarios públicos, que trabajan interdisciplinariamente con las comunidades de todas las regiones del planeta. Este ensayo es una contribución al universo de las ciencias sociales y humanas, que en el mundo moderno propone construir nuevas perspectivas reales y plausibles que satisfagan las demandas de inclusión social de todos los habitantes de la Tierra en la forma común de una humanidad con un destino y un futuro compartidos. Existen desafíos que representan barreras reales, especialmente cuando los intereses privados se anteponen al bien común. Superarlos requiere identificar caminos alternativos al modo de producción capitalista. En este sentido, creemos que las experiencias de las comunidades negras, los paradigmas de las culturas negras, las memorias negras y las memorias de los hábitats ancestrales negros pueden ser paradigmas para estos nuevos caminos. Para ello, es esencial respirar el aire de la negritud.

Palabras clave: Antropoceno. Capitalismo. Ciencias. Economía Global. Historia. Multiespecie.



1 INTRODUÇÃO

Respirar negritude significa enveredar-se pelas sendas dos conhecimentos a partir do legado deixado como herança sem testamento, de formas de compreender a vida no planeta Terra, a partir das múltiplas possibilidades de vida em comum e preservação das multiespécies de vidas no planeta, fato este que representa uma nova consciência dos sentidos de nossas ações e interações entre a intrínseca simbiose da cultura e da natureza, compreendida como natureza cultural da espécie humana.

A escravização dos negros a partir da ideologia das raças e do preconceito racial, não constituíram forças hegemônicas suficientes fortes, para aniquilar completamente pela política de terra arrasada e por genocídio contra os negros o Ser humano dos negros como espécie constitutiva e inauguradora dos gênesis dos humanos.

As comunidades negras da África e da afro diáspora, a despeito do fatos reais e concretos do sistema econômico imperialista europeu escravagistas, contra os povos étnicos negros do continente africano disseminaram e disseminam valores de habitat singulares, distintos e contrários aos valores exploratórios de extermínio do grupo étnico branco e dos valores de produção e consumo capitalistas impostos por parte dos países do Atlântico-norte (Europa e Estados Unidos da América).

Desde os processos extrativistas dos recursos minerais e naturais, o trato com as ervas medicinais da natureza, plantações, produção e consumo, para os negros não atenderiam ao critério da produção exploratória e pela mais-valia capitalista. A cosmologia e a cosmogonia na tradição, e na história dos negros procuram integrar-se ao universo por meio da concepção interacionista e de interligação das forças cosmogônicas nas quais cada ação no sistema universal complexo está ligado ao existir das espécies terrenas. É, neste sentido em que o respirar negritude representa, respirar novos ares, para oxigenar as ideias e “se espantar” com nova consciência sobre a realidade, para propor novas ações, ultrapassando o modo de produção capitalista, que na sua organização e prática é destruidor da humanidade e do planeta Terra.

O racismo capitalista contra os negros, se mostra como o principal fator que impediu a compreensão de novas ideias e formas para o entendimento dos sistemas complexos e plurais da vida. Entendemos, por respirar a condição essencial da vida, respirar é o sopro de oxigênio, que nos permite vir ao mundo, e que ao se encerrar a condição de respirar, deixamos também de viver de forma incondicional.

Desse modo, respirar negritude possibilita abrir novas fronteiras na compreensão e preservação do bem comum para uma humanidade compartilhada de destino comum, fora das fronteiras geopolíticas de poder e opressão do projeto neofascista político imperialista do capital especulativo global.



A *plantation* perene de *frutas estranhas* como genocídio dos afrodescendentes em função do racismo, por todos os cantos do planeta necessita ser confrontada e encerrada pelo respirar o ar puro, novo e mais saudável da negritude.

2 DESAFIOS MULTIESPÉCIES

Como proposta de provocação às nossas consciências, começaremos por respirar a partir dos buracos do esquecimento duas ilustrações que entendemos capturar a mensagem de respirar negritude.

A primeira ilustração traz à tona a imagem produzida: *Ancestralidade Quilombola*. *Autora: Luíza Flora Matias da Silva Sousa – 2021*. Essa imagem foi resgatada por Oliveira (2025), e na qual encontramos a representação do imaginário coletivo, como representação do real. A dimensão mitológica da árvore da vida possuem raízes fincadas no solo como fonte da interconectividade entre a gênese da natureza e a criação dos múltiplos espaços.

Podemos observar à sombra dessa árvore mulheres negras acolhendo um novo ser que desponta como inauguração de um novo tempo iluminados simultaneamente pelas estrelas, pelo sol e pela lua; que junto com a Terra estruturam o geofísico astronômico e, dá mais sentido ao existir.

O colorido da imagem representa o caráter polissêmico das cores como riqueza do diverso e do plural, nos quais as aves representam os não humanos que são parte do ciclo de renovação entre o espaço do oxigênio, que respiramos entre o céu e a Terra. A autora da imagem inseriu o que o respirar a negritude representa e almeja como novas relações políticas e humanas, que os afrodescendentes compreendem e querem construir em um mundo plural, diverso, equitativo e igualitário como destino comum.

Essa utopia não se restringe somente aos afrodescendentes, visto que nós temos também nos povos originários indígenas a mesma vontade em superar as relações sociais de exploração, destruição do planeta e genocídios desencadeadas pela branquitude atlanticista, contra os negros e indígenas, os condenados da terra, pelo poder econômico capitalista.



Figura 1 - Ancestralidade Quilombola.



Fonte: Autora: Luíza Flora Matias da Silva Sousa - 2021

Como demonstração dessa perspectiva, recorreremos a uma segunda imagem: "O encierro de los pillanes" do artista mapuche Eduardo Rapiman (1975). Nascido em Santiago do Chile e criado em Freire, região da Araucanía; Rapiman realizou uma trajetória artística onde os elementos da cosmovisão indígena são revisitados, não apenas como a conexão com os ancestrais, mas também como uma busca de identidade atual e desafiadora no contexto de uma sociedade mestiça.

Nessa obra encontramos a temática do: "**O confinamento dos pillanes**", Rapiman alude à visão de mundo *mapuche* do vulcão, um espaço onde vivem espíritos poderosos chamados *pillanes*. A cada erupção, Imilan Ojeda (2015), assim como outros fenômenos como inundações e terremotos - é considerada expressões da Mãe Terra, que devem ser interpretadas em comunidade. Após cada episódio, são realizadas cerimônias, nas quais as lideranças religiosas junto às comunidades compartilham o que pensam, sentem e sonham sobre a causa e o futuro deste fenômeno.



Un desastre socionatural no es un evento, sino un proceso. Por lo tanto, la gestión del riesgo también debe ser visto como un proceso. El desastre es un proceso temporal, es decir, se pueden identificar diferentes temporalidades, diferentes momentos, diferentes etapas que demandan objetivos y acciones diferentes. Estas etapas forman el ciclo del desastre. Entonces, la gestión del riesgo debe abordar cada una de las etapas del ciclo, distinguiendo diferentes tipos de acciones, y los recursos que cada una de estas acciones requiere, tales como conocimientos, recursos financieros, etc. Sólo atendiendo de forma sistemática a cada una de estas etapas se puede resguardar y apoyar de forma debida a las poblaciones en situaciones de desastre. Si bien existen diferentes formas de clasificar las temporalidades, la CEPAL ha propuesto 4 etapas en el ciclo del desastre: Preparación, Reacción, Emergencia y Reconstrucción. (IMILAN OJEDA, 2015).

"O encierro de los pillanes"



Fonte: artista mapuche Eduardo Rapiman (1975).

O futuro da humanidade passa pela compreensão acerca do que representa o debate quanto às mudanças climáticas e as perturbações antropogênicas no meio ambiente. A inviabilização da vida no planeta Terra, sobretudo, pelo aumento da temperatura do clima no ambiente do planeta, podemos observar, que estamos frente a um novo desafio na escala do tempo geológica, por sendas denominadas pelos agentes inseridos no debate acerca destas vivências de era do Antropoceno.

O antropoceno, Silva (2022), pode ser compreendido como a realidade política sobre a vulnerabilidade do futuro da humanidade, em decorrência de seu passado recente a partir das questões geológicas do tempo presente, e se tem como resultado a grande aceleração da produção e consumo na economia, que provoca a extinção de espécies, e que por sua vez, coloca a própria humanidade em risco também de extinção.

Vivenciamos no século XXI um momento singular de encruzilhada civilizatória no qual o fundamentalismo, o irracionalismo, o negacionismo e o antropocentrismo nos torna todos reféns e



prisioneiros do pensamento mágico e apolítico, com destaque para a presença nas redes sociais, que nos imola no compromisso e na manutenção do bem comum no mundo real. É uma falsa sensação de viver, vivemos uma vida sem significado. Como chegamos a este ponto (?) é o que pergunta Arendt (1991), na ampla discussão sobre *A Condição Humana*, uma de suas obras mais paradigmáticas:

“O que estamos fazendo”. Por outro lado, a finalidade da análise histórica é pesquisar as origens da alienação no mundo moderno, o seu duplo vôo da Terra para o universo e do mundo para dentro do homem, a fim de que possamos chegar a uma compreensão da natureza da sociedade, tal como estas evoluíram e se apresentava no instante em que foi suplantada pelo advento de uma era nova e desconhecida. (ARENDR, 1991, p. 13,14).

O antropoceno, difere da era anterior o holoceno. O holoceno é considerado a era da estabilidade climática e geológica do planeta Terra e como fator do processo civilizador humano, tendo como referência a formação do planeta Terra nos últimos doze mil anos, até a explosão atômica. O antropoceno é caracterizado como a nova época de instabilidade geológica e de migração para uma nova era geológica, principalmente a partir dos desdobramentos da segunda guerra mundial (1945) com a grande aceleração e intensificação da produção e do consumo.

O antropoceno se configura como uma era de destruição ambiental e de genocídios contra grupos étnicos humanos e outros seres vulneráveis. No Brasil, sobretudo, há exemplos de comunidades indígenas, quilombolas, comunidades de negros, florestas, plantas, ecossistemas e da destruição de seres não humanos e de grandes colapsos climáticos pelo uso intensivo de combustíveis fósseis com emissão acelerada de gás carbônico, uso intensivo de venenos tóxicos na agricultura e de ações e usos predatórios globais na produção e no consumo de bens e serviços.

A compreensão das multiespécies passa também pelo entendimento singular com o qual a negritude captura a realidade. Por exemplo, Mbembe (2025), destaca que o discurso e a palavra por meio na discussão democrática, pode ser a via mais representativa como comunidade de vida para consolidar o respirar negritude.

Organizamos nossas vidas dentro dos limites dessa zona que não somos os únicos a ocupar, uma vez que a compartilhamos com outras pessoas, outros grupos de plantas, de animais, e um amplo leque de outras formas de vida (bactérias, fungos, vírus etc.), todos criando as condições nas quais vivemos. Essa zona estreita, essa superfície que habitamos é, de fato, uma camada fina e porosa, de apenas alguns quilômetros de espessura, na qual a vida modificou os ciclos da matéria em sua heterogeneidade, criando uma espécie de pele, a pele da Terra. (MBEMBE, 2025, p. 10-11).

O autor Mbembe (2025), nos faz lembrar que o paradoxo da *Economia Ecológica*, concebida como uma caixa de ferramentas e de expansão da consciência para um novo sistema, por si só não amplia a visão sobre a “pele” frágil do planeta. Exemplo, desse debate aparece também nas análises sobre “*DIP trade-off*” (método de exploração de matérias primas por substituição) que funciona como



uma gangorra, quanto mais se aumenta os custos, mais diminui os benefícios, o que é resíduo para uma empresa pode ser insumos para outras empresas.

Usamos o termo ilusório para sustentabilidade econômica, entretanto, é justamente a concepção da forma de organização econômica capitalista, que está colapsado. Não se sustenta mais a aceleração de produção e consumo de supérfluos para algumas pessoas, como mecanismo de expansão do capital; ao passo que a grande maioria das populações estão excluídas do modelo de organização econômico. Superar o paradoxo de Daly (2016): *mundo cheio – barco pescueiro industrial; mundo vazio – barco pesca subsistência*. No cenário atual pandêmico, nesse aspecto, só exacerba as ações de produção e consumo, contrária a uma economia solidária, frente à vulnerabilidade do ser humano: o planeta fica e o ser humano desaparece.

3 RESPIRAR NEGRITUDE

O respirar negritude possui como exemplo a categoria teoria-prática denominada: *ubuntu* presente em muitas regiões do continente africano, bem como, nas comunidades negras da diáspora fora do continente africano, descreve o auto entendimento de uma pessoa e o seu relacionamento mútuo. Nega o dualismo de si/outro, ou natureza/cultura de forma separadas. Foi traduzido para o inglês por Drucilla Cornell como "*eu sou porque você é*". A palavra você nesta tradução deve ser entendida como comunidade. O *ubuntu* muda: "*Eu penso, logo existo*", cartesiano, por: "*Penso junto em comunidade, logo existo*".

As comunidades originárias na África e nas Américas entende que nossos corpos são os elementos do mundo que comemos, e dele vivemos, para compreender a gênese crítica “do capitalismo multiespécies”, é preciso entender como vivemos e respiramos no planeta, e dele sustentamos nossas vidas. É um mundo no qual a *vida activa: trabalho, obra e ação, se intersecciona com a vida do espírito (mente)*, o mundo social-natural são construídos, que conectam o objetivo com o subjetivo.

O bem viver, ou, *Bien Vivir, de Abya Yala*, o nome pré-colonial da América Latina, pede uma vida coerente, e é entendida como viver em harmonia, ou *Burum*, viver bem com os outros (no sentido de alteridade). A mãe-terra, ou: *Pacha-mama*, para os povos dos Andes Latino-americano, que entende a natureza como um ser vivo, com a consequência de que a natureza como os humanos, possui direitos que devem ser reconhecidos e respeitados.

O mosaico do antropoceno e das multiespécies rompem fronteiras entre espécies, colocando as *commodities* como construção de uma nova história ambiental transdisciplinar. A crise da dimensão ecológica possui a contradição e, aspira por novas epistemologias e economias (*oikós*), com sistemas plurais interconectados; os ciclos de acumulação sistêmicas, desde a acumulação das *commodities*, passando pelos sistema Estado-tecnologias, até o presente ciclo das corporações e das finanças, projetam a domesticação das *agro paisagens* urbanas e rurais como sendo extensão do mesmo corpo



social plasmada na forma de uma ilusão artificial em um mundo algoritmo, é a grande expressão da crise contemporânea.

Ao repensar as categorias históricas planetárias e globais, necessitamos de novas ferramentas de categorias para compreendermos de maneira interativa os humanos e os não humanos. Bem como, ensejar que as transformações do ambiente desafiam as novas fronteiras das *commodities*, aspiram por novas etnografias multiespécies na produção agrícola, confrontam as abordagens materialistas das inovações científicas agrícolas e suscitam para o escopo da modernização agrícola novas categorias da história ambiental.

Respirar negritude ascende com as espécies da flora e da fauna do planeta para a preservação da biodiversidade, para a restauração dos ecossistemas, de modo que as ações nas esferas públicas e privadas, reconheçam desde as vegetações nativas, na recuperação das florestas e na educação da sociobiodiversidade como fundamento de novas consciências, a partir do pensar sem corrimão e respirar novos ares com a reestruturação das sociedades, para além do sistema do modo de produção capitalista.

Respirar negritude se realiza no adubar novas ideias nacionais e internacionais que joguem luz sobre as consciências das pessoas no ambiente urbano, que corresponde à média de 70% dos que vivem na maioria dos territórios globais, contra a média de 30% que estão diretamente vivendo em áreas rurais. Há que se restaurar corredores ecológicos de consciências acerca das variações intercambiais do ar que respiramos com as espécies do planeta que convivemos, para tanto respirar negritude pressupõem o local e o global sustentáveis na casa comum planetária.

Outra prioridade se dá ao valorizar a memória, legado sem testamento, herdada das ancestralidade das comunidades negras, que possuem na alimentação a tradição histórica singular intercambiada pela compreensão da força da natureza com o cuidado de produção e consumo equilibrado na sabedoria e no conhecimento técnico saboreados com sentido e significado do cuidado com a saúde; na arquitetura a negritude projeta a utilização dos espaços na interação com o belo, de modo que todos na comunidade tenham onde habitar; na educação a negritude transpõe privilégios e todos cabem sob o céu da aprendizagem, nenhum a menos para o saber viver; na cultura a negritude articula respostas à busca por sentimentos e sentidos acerca da organização individual e social.

O legado a partir da economia (*oikós*), a negritude não possui gênese na oferta e demanda, mas opera pela articulação para o atendimento das necessidades vitais. O modo de produção capitalista e imperialista da branquitude comboiou pela dominação racial, a supremacia do capital e do lucro e distorceu a cultura da solidariedade social, frente às necessidades individuais, de viver que a negritude havia estabelecido como bem comum.



O racismo impediu e impede que o negro pudesse e possa respirar livremente, o legado da escravidão contra o negro permanece como um crime contra a humanidade, e crime que não tem punição, não tem perdão político e histórico.

Para os pesquisadores, O’Gornam e Gaynor (2020), ao analisar as histórias mais-que-humanas, destaca-se na perspectiva das multiespécies nas constituições da presença de múltiplas espécies e múltiplas vozes, política e ética situadas, são como pontos de encontro para a história ambiental e as humanidades ambientais em geral para que possa ocorrer um diálogo com uma série de benefícios mútuos, além de levantar alguns desafios, tais como, os de geração de estudos históricos ambientais existentes, para que possam combinar abordagens com implicações metodológicas, de modo que, a história ambiental que ainda é frequentemente definida como um campo centrado nas interações entre “natureza e humanos” e “sociedade e meio ambiente” ao longo do tempo, deixem de ser pensadas e escritas como se “natureza” e “humanidade” fossem ontologicamente distintas.

Da mesma maneira que propomos o respirar negritude como dispositivo de superação do racismo contra os negros, por meio da restauração da consciência quanto a biodiversidade, encontramos em Galvin (2018), argumentos que contribuem para conceber os animais, assim como a negritude os concebem, como sujeitos trabalhadores do biocapital por meio de processos biológicos como digestão, reprodução, lactação. E, que oferecem caminhos para a análise do agrário em ambientes industriais, enquanto caminha em direção a uma estrutura conceitual e ética mais politicamente carregada para contestar a brutalização da vida animal em regimes agroindustriais.

Respirar negritude, significa compreender também que a degeneração ambiental tem crescido muito, sobretudo nos espaços geográficos de vivências das populações negras e periféricas, principalmente no Brasil, cuja população afrodescendente é majoritariamente negra, e são as primeiras vítimas mais afetadas pelas mudanças climáticas, devido diversas questões relacionadas à desigualdade, no escopo do racismo climático e ambiental com o aumento da temperatura em até 4 graus de diferença, em relação a regiões "mais nobres", onde temos mais preservação ambiental e infraestrutura de águas e esgoto.

Ao estender o alcance do biocapital à totalidade da vida em si, consideramos que respirar negritude pode ter o efeito de reificar a própria produção contestada, enquanto modo de produção capitalista. A relação do trabalho vital não humano com os trabalhadores humanos, muitas vezes invisíveis e marginais no mundo, resgata para a memória o momento em que os próprios negros foram considerados peça de produção, e valiam tanto quanto um animal não humano.

A inclusão de vitalidades não humanas na categoria de trabalho reformula o significado de trabalho, e como isso pode se relacionar com a pesquisa científica que superou a falácia da ideologia da raças e sobre trabalho não livre. E, neste sentido faz-se importante enfatizar que todo trabalho,



humano e não humano, deve ser edificado sobre novas categorizações que articulam as espécies humanas e não humanas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corpos negros que balançam como fruta estranha plantadas pelo preconceito racial contra os negros, assim como as *plantation* e as *commodities* mergulharam a humanidade na loucura da produção-consumo desencadeados pelo modo de produção capitalista. Dessa maneira, o sumo, sangue da fruta estranha, penetra no solo emanando um grito silencioso, de que os negros não considerados como da espécie humana, deveria ser objetificado, odiado e violentado, assim como, se violenta a natureza e as outras espécies não humanas da fauna e da flora planetária.

No panteão das multiespécies, mesmo com a extinção de algumas espécies, as espécies que estão presentes no mundo demonstram que, a permanente destruição do ciclo sistêmico das espécies, nos ciclos sistêmicos da economia, não garantirá a sobrevivência de nenhuma espécie, visto que, o equilíbrio da biodiversidade do planeta está comprometido.

Respirar negritude, se destaca como uma provocação que para o racismo social e ambiental caminharem de mãos dadas, sejam interditados por novos ares, novos olhares, novas consciências, um novo pensar alargado sem corrimão, a partir da memória, história, lembranças, ancestralidades da cultura negra como pilar para uma humanidade com o futuro comum e compartilhado, para além do modo de produção capitalista.

O desafio crescente à respiração e à falta de ar, é a evidencia mais sufocante do preço que a humanidade paga ao separar cultura (genocida, e autodestruidora) da natureza. Os céticos, negacionistas, fascistas e anti-ciência se aglutinam na beira do abismo do inferno, e se não forem interrompidos condenarão a todas as espécies ao fim de suas existências.

Respirar negritude se efetivará ao descentralizar os indivíduos do sentimento narcísico e egóico de que não haverá espaço para todos no planeta e só os fortes sobreviverão, ninguém sobreviverá. O universo existe independentemente da humanidade, e ao respirar negritude restabeleceremos o foco da mente humana para a autorregulação parceira e consciente do sistema universal biodiverso.

Axé! Ubuntu!



REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 5.ed. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 1991.
- MBEMBE, Achille. **Democracia como comunidade de vida**. Tradução Pedro Taam. São Paulo (SP.): n-1edições, 2025.
- DALY, Herman E. **Economia Ecológica**. Tradução Ademar Ribeiro Romeiro [et al.]. São Paulo (SP.): Annablume, 2016.
- GALVIN, Shaila Seshia. **Interspecies Relations and Agrarian Worlds**. *Annual Review of Anthropology*. Annu. Rev. Anthropol. 2018. 47:233–49. The Annual Review of Anthropology is online at anthro.annualreviews.org <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102317-050232>. 2018.
- IMILAN OJEDA, Walter (2015) **“Prevención, reacción y emergencia”**. Material del curso "Vulnerabilidades ante desastres socionaturales", impartido en UAbierta, Universidad de Chile. LECCIÓN 3.1 Prevención, reacción y emergencia, 2020.
- O’GORMAN and ANDREA, Emily; Gaynor, **“More-Than-Human Histories,”** *Environmental History* 25 (2020): 711–735 doi: 10.1093/envhis/ema027. Advance Access Publication Date: 22 August 2020.
- OLIVEIRA, Valdirene Aparecida de. **Entre fazeres e saberes: a construção da memória e identidade feminina nas comunidades quilombolas**. *Dissertação de Mestrado – PPG CS. PUC SP*. 2025.
- RAPIMAN, Eduardo. **O encierro de los pillanes**. Chile, 1975.
- SILVA, Osvaldo José da. **Sendas para uma transversalidade no antropoceno**. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v. 15, n. 45. p. 135 -169. setembro – dezembro 2022. <https://doi.org/1023925/1982-6672.2022v15i45p135-169>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7682-8491>.

